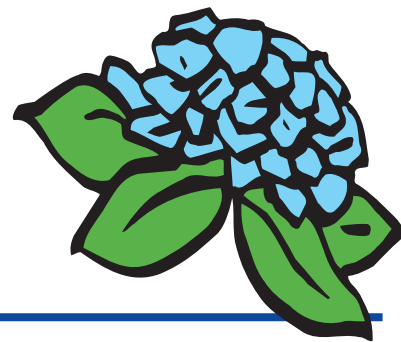




ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO LICEU DA HORTA



18 ANOS A JUNTAR MEMÓRIAS



Existiam dois rituais de passagem. À entrada, o cortejo até ao chafariz do Largo da República, onde tinha lugar o «baptismo» de cada caloiro(a).

À saída, a «foto de família», no emblemático pedestal de grandes pedras de basalto do busto do Infante D. Henrique, no Largo do Infante.

A imagem refere-se ao ano de 1949- 50. A gravata não foi «posta» para a fotografia. Fazia parte do «*dress code*» dos alunos do Liceu.

1.º plano: *M. Inácio, J. Azevedo*; 2.º plano: *H. Goulart, A. Gonçalves, J. D. Silveira, G. Pacheco, F. Ferreira, A. Azevedo, Brito e Melo, J. Ricardo, M. Valentim*;
3.º plano: *A. Campos, Martins, F. Bicudo, V. Macedo, W. Branco, A. Pinto*; 4.º plano: *J. M. Novais, A. Terra, L. P. Rosa, A. Viana, J. Macedo*.

DA SAUDADE AO PATRIMÓNIO



Completámos 18 anos! Uma maioridade simbólica. Num percurso de errâncias desejadas. À procura de sentidos. Primeiro, na «cultura da saudade» (boletim n.º 1, 1998*). Naturalmente especial no seu alcance. Confortável nas abordagens. Mas, aprofundando a nostalgia. No sentimento contraditório «de nada ainda ter sido concluído e tudo já não ser possível». Viámos, então, para mais próximo do presente (boletim n.º 16, 2007*). Sem abrandar a procura do valor do passado (não do que passou mas do que permanece quando algo muda). Imaginámos a desagregação do futuro. Quando é desvalorizado o passado. Depois, conseguimos tomar consciência do dever de memória. Cultivando heranças. Interpretando-as como «dívidas». Com a obrigação de as devolver à História. Contextualizadas. Na escolha e registo dos traços. Na preservação das essências. Respeitando as dimensões do tempo. Fazendo com que a(s) memória(s) atravessasse(m) os tempos dos legados. E suba(m) ao «direito de cidade» como património. Nestes 18 anos juntaram-se muitas memórias. Emergentes dessa «cultura da saudade». Em projectos singulares. Evocativos de circunstâncias. Ou gráficos. E vimos reconhecidos patrimónios, materiais e imateriais, com a mesma «matriz genética».

* em www.aaalh.pt

A SINGULARIDADE

A imagem de marca da UniSénior está ligada ao facto de ter nascido a partir da própria Sociedade. Talvez por isso, preza a autonomia das linhas de orientação e da condução da gestão. Asseguradas pelos próprios seniores que a frequentam. Diremos que constituem um verdadeiro programa de envelhecimento activo!

Os resultados da aplicação deste figurino «auto-didacta» têm sido curiosos. Não se esperaria tanta energia. Tanto entusiasmo. E uma competência para além da experimentada durante a «outra» vida activa.

A AAALH orgulha-se de ter ajudado a criar este projecto pioneiro.

OS NÚMEROS (a)

– Ano de funcionamento	7.º
– Participantes	149
– Média das idades	67,6
• Com mais de 80	10 %
• De 70 a 80	21 %
• De 60 a 70	52 %
• Abaixo de 60	17 %
– Áreas de estudo	25
– Professores/Formadores	23
– Locais de funcionamento	10

(a) Dados organizados por Isabel Naia

O MAIOR PROBLEMA

A falta de instalações próprias reduz a eficácia dos quotidianos. Prejudica a facilidade dos acessos. Impede a convivência informal («terapia» da solidão).

Neste ano, mais uma vez, foram feitas diligências para resolver este problema. Os poderes públicos ainda não conseguiram «dar conta» dele. Apesar das promessas. Trata-se do rés-do-chão do edifício onde esteve a Escola Básica. E com acordos de utilização provisória conjunta. O «negócio» seria bom para ambas as partes. Instalações como contrapartida de um projecto de reconhecida expressão social (numérica e de benefícios). Em que os encargos têm sido suportados pelos próprios seniores...há 7 anos. E com uma solução prometida e fácil!

PROJECÇÃO NA SOCIEDADE



Ao longo do seu percurso, tem sido notória a participação da UniSénior na vida da sociedade faialense. Abrindo as suas próprias actividades e colaborando com diferentes entidades. As áreas artísticas têm suscitado maiores aproximações.

Este ano, pela TERTÚLIA SÊNIOR passaram personalidades e temas de interesse assinalável. FRANCISCA WEELER apresentou a «Ciência na Vida» (16/10/2014); AVELINO MENEZES percorreu a obra «Envelhecer e Conviver» de Teresa Medeiros, C. Ribeiro, Berta Miúdo e A. Fialho; CARLOS SILVEIRA mostrou a sua pesquisa para a obra «Navegação a vapor entre o Continente e os Açores (1.º tempos)»; FERNANDO MENEZES analisou «Os Direitos da Mulher no pós 25 de Abril» e CARLA MOURÃO a «Arte de ser Mulher»; CARLOS LOBÃO, VICTOR R. DORES, CATARINA AZEVEDO introduziram a Cátedra Arriaga, «Falando de Arriaga». MANUEL SERPA no lançamento do livro «Cantigas da Chamarrita do Pico» motivou a reflexão sobre temas etnográficos.

Os convívios ganharam projecção pelo dinamismo da Comissão de Alunos (Altino Goulart, Eugénia Fontes, Hélia Melo, M. Humberto Dias da Silva).



Francisca Weeler

COOPERAÇÃO SÊNIOR FAIAL-PICO



O acordo de cooperação entre as Universidades Sêniores do Faial e da Madalena teve este ano evolução assinalável, fazendo jus à «intimidade histórica que liga a Horta e a Madalena e em geral as populações do Faial e do Pico».

Actividades já realizadas: no FAIAL – Tertúlia do Dia da Mulher (12/3/2015); *workshop* sobre Estimulação Cognitiva (16/3 – Tânia Rosa – USMAD); Visita guiada à cidade da Horta (22/4 – Carlos Garcia); tertúlia no lançamento do livro «Cantigas da Chamarrita do Pico» (14/5 – Manuel Serpa, tocadores do Pico e bailadores do Faial). No PICO – *workshop* «Yoga, Um Encontro consigo mesmo» (24/4 – Sara Porto; Fernanda Trancoso); Teatro com a peça «Memórias», na Criação Velha (oficina de teatro da UniSénior).

Esta cooperação vai certamente promover uma aproximação para além do plano institucional.

A convergência de memórias augura uma participação essencial dos seniores do Faial e do Pico na construção de uma História de Duas Ilhas.



Manuel Serpa

PROFESSORES



Falar de Professores e de outras pessoas que dão o seu contributo, mercê da experiência ou do estudo e com um «jeito» especial para transmitirem o que sabem, é evocar a garantia do objectivo principal das Universidades Sénior – a aprendizagem ao longo da vida. É reconhecer o grande suporte da UniSénior no voluntariado desse grupo de verdadeiros mecenas. E é, também, admirar o valor de todos aqueles que ajudaram a construir a imagem de credibilidade da UniSénior.

Por isso, assinalam-se todos os que, em 2014-2015, deram a sua colaboração formativa: Ana Martins (DOP); A. Gonçalves da Rosa; Bruno de Castro; Carlos Faria; Carlos Lobão; Diva Silva; Fernanda Trancoso; Humberta Vargas; Humberto Silva; João Ramos; José Amorim de Carvalho; Irene Kohoutek; M. Norberto Oliveira; Margarida Madruga; Maria do Céu Brito; M. Eduarda Rosa; Odete Frias; Paula Saraiva; Regina Dors; Rosa Maria Silveira; Rosário Rodrigues; Sandro Jorge; Ulrike Maschtowski.

BALANÇO



O programa de encerramento é sempre um momento alto do ano académico. De balanço. De satisfação. Este ano começou com a estreia no Teatro Faialense da peça MEMÓRIAS da Oficina de Teatro. Depois, a inauguração da exposição de dezenas de trabalhos da Oficina de Pintura, assim como da exposição do Atelier de Artes Decorativas, ambas na Sala multiusos da Biblioteca João José da Graça. Na sessão de encerramento interveio Graciete Amaro na avaliação do ano e do mandato. A conferencista convidada, Paula Mourão, abordou o tema «A família nos dias de hoje». Seguiu-se a entrega dos diplomas aos Professores e dos certificados aos alunos. A tomada de posse do novo Conselho de Gestão fechou a sessão, ouvindo-se ainda o tradicional concerto pelo Orfeão da UniSénior.

O jantar-convívio no Restaurante Barão Palace, aberto com a actuação da Tuna da UniSénior, regida pelo Maestro Amorim de Carvalho, decorreu com grande participação e alegria.

CONSELHO DE GESTÃO



Na conclusão da Nota de Apeço da Direcção da AAALH ao Conselho cessante pode ler-se «O Conselho de Gestão é merecedor de um elogio particular, por ter aceite o esforço que lhe foi pedido pelos colegas para prolongar o mandato por mais um ano. Mas, também, pela qualidade do seu trabalho. Assente na coesão e na solidariedade. Por tudo isto, são credoras do nosso aplauso e do nosso reconhecimento: Maria Graciete de Oliveira Fortunato Amaro; Maria Isabel Simas Trancoso Naia; Maria Ermelinda Simões; Maria Isabel Goulart Predas Serpa.»

Na sequência das deliberações da Assembleia Magna (20/5) e das diligências delegadas em Altino Goulart como membro mais votado, foi ratificado o Conselho de Gestão para 2015/2016 com a seguinte constituição: Altino da Costa Goulart, Filomena Maria Terra Silveira, José Rodrigues da Costa, Maria Cecília Ormonde Medeiros, Maria Goretti da Silva Leite Borges (escolhida para Presidente do Conselho) e Maria Isabel Goulart Predas Serpa.



1893

GRUPO DOS AMIGOS DA HORTA DOS CABOS SUBMARINOS

6.º COLÓQUIO



O 6.º colóquio sobre o PATRIMÓNIO DO CABO SUBMARINO, no FAIAL (22/8/2014), patrocinado pela ANACOM, foi referenciado no conjunto dos colóquios com uma visão mais ampla da história da tecnologia do cabo submarino e num quadro de novos conceitos de cultura económica, ambos continuando a visar a implantação do museu do cabo submarino na Trinity House.



Eng. Moraes de Oliveira apresentando no 6.º Colóquio o seu estudo sobre o Cabo Submarino através dos tempos

Este colóquio assinalou os 90 anos de uma importante inovação tecnológica, introduzida pela primeira vez no cabo da Western Union, New York-Faial (1924), inovação apresentada

na conferência do Eng. J. MORAIS DE OLIVEIRA «O cabo submarino na história da globalização das comunicações». Por sua vez, aquela dimensão económica foi apresentada pelo Professor AUGUSTO MATEUS em «O Património no desenvolvimento do mundo global. O valor do cabo submarino». JOHN ROSS desenvolveu o «Plano Museológico para a Trinity House», trabalho formalizado em proposta para o Presidente do Governo Regional, entregue ao seu representante na sessão, o Secretário Regional dos Transportes e Turismo. Teve lugar, ainda, a apresentação pelo Arq. A. MARTINS NAIA da obra sobre as Comemorações dos 120 anos do 1.º cabo no Faial.



A sociedade faialense aderiu ao 6.º colóquio, enchendo o auditório da Biblioteca João José da Graça

TRINITY HOUSE PATRIMÓNIO CLASSIFICADO



Continua a classificação patrimonial dos bens culturais legados pelo «tempo» dos cabos submarinos. Depois do bairro residencial «Colónia Alemã» (em 28/6/2012) e da memória tecnológica – espólio de equipamentos (em 14/7/2014), a Trinity House foi também considerada Património de Interesse Público (em 4/5/2015), conforme constava da Resolução n.º 3/2014 da Assembleia Legislativa (DR de 21/1/2014). Dada a sua importância histórica, o Jornal Oficial onde foi publicada esta classificação integrou a exposição dos 150 anos da UIT. De realçar ainda a definição de uma zona de preservação do edifício classificado. As obras de beneficiação já estavam previstas naquela Resolução.

«Realmente uma imensa alegria ver que o nosso antigo lugar de trabalho, no meu caso, onde iniciei toda a minha vida profissional, ser reconhecido e destinado a perpetuar a contribuição de todos os que lá deram o seu esforço pessoal para o sucesso das comunicações via cabo submarino no Faial e no Mundo. Um grande abraço de parabéns e agradecimento a todos os que fizeram do “Movimento da Horta dos Cabos Submarinos” esta vitoriosa realidade.»

Gustavo M. Ramos da Silveira

Antigo cabografista da Western Union. Emigrou para o Brasil em 1961. Trabalhou na ITALCABLE. Antigo Aluno (1947). Destacou-se no hóquei em patins, no Fayal Sport Club.

JAIME MELO – 25 ANOS DEPOIS



Fomos convidados para um Encontro de antigos e actuais técnicos de cabo submarino. Estão interessados em constituírem-se num movimento de preservação do património das estações portuguesas. Sabiam do movimento iniciado no Faial e já tinham notícia do percurso e das «conquistas» do nosso Grupo. Foi em Sesimbra (9/5/2015), lugar histórico do CS. Lá «amarrou» o 1.º cabo telefónico e o 1.º cabo de fibra óptica. E mantém uma actividade relevante. Por exemplo, por lá passa o maior cabo do mundo de 40.000 km, entre o norte da Europa e o Japão. E têm um aparelho (de quatrocentos mil euros!) que, dias antes, detectara uma avaria num cabo a 15 kms de Alexandria!

Sabíamos que à história desta estação está ligado um técnico faialense, da Cable and Wireless, Jaime Melo. Aproveitámos para fazer uma ponte entre nós e eles. Pedí ajuda à irmã, Guiomar, colega do Liceu. Descobri aspectos de grande valor histórico. Foi uma enorme surpresa quando verificámos que muitos dos presentes conheceram Jaime Melo e trabalharam com ele. Manifestaram grande admiração pelas suas qualidades humanas e pela sua elevada competência técnica. Tinha sido pioneiro nesta estação e Supervisor Técnico do Centro Operacional de



Cabos de Sesimbra. Entrou para a companhia no Faial em 1953 (realizou formação técnica em Inglaterra, por várias vezes). Transferiu-se em 1967 para a MARCONI (Sesimbra).

O encontro ganhou ainda maior sentimento quando informámos que estávamos reunidos exactamente quando fazia 25 anos da sua morte (aos 54 anos). Foi recordado o expressivo louvor póstumo do Presidente da MARCONI.

Destacava várias facetas da personalidade, da liderança e da competência de Jaime Melo. Impressionou saber que era reconhecido internacionalmente como um dos melhores técnicos na detecção de avarias em cabos. E, também, que mereceu referência especial na conhecida revista da CW, ZODIAC, devido a uma inovação tecnológica da sua autoria.

Jaime Alberto Soares Melo era Antigo Aluno (1946), foi estudioso de piano e, no desporto, além do ténis, foi dos pioneiros no hóquei em patins no Faial (na equipa do Liceu e no Sporting Clube da Horta, numa equipa em que todos eram das «companhias»).



Equipa do Liceu, pioneira do hóquei em patins no Faial. Na imagem, 1.º plano Filomeno Bicudo, Brito e Melo, Jaime Melo, 2.º plano Alberto Campos, Jorge Menezes, acompanhados pelo Vice-Reitor, Dr. M. Silveiro (1950, Foto Jovial)



Esta obra integra as actas das comemorações que assinalaram os 120 anos do cabo submarino no Faial. São preenchidas com a narrativa dos três momentos das comemorações – a sessão de evocação, o colóquio «História e Património do Cabo Submarino» e Convívio e Homenagens.

SITE DA ASSOCIAÇÃO



No Site da Associação – www.aaalh.pt – passou a estar disponível uma abordagem ao historial das iniciativas e das diligências realizadas desde 2009, quando se iniciou o processo de recuperação e reabilitação do Património do Cabo Submarino da Ilha do Faial.

Na rubrica PROJECTOS estão reunidos, de forma sistemática (cronológica), os aspectos essenciais de cada iniciativa e, ainda, 47 links, com elementos complementares de esclarecimento (fotográficos, de divulgação, legislativos, etc.).

MEMORIAL MAIS UM ANO E... NADA



Depois do recuo do Governo em 2014, pelas razões alegadas na altura, não valorizando os apoios financeiros do Grupo dos Amigos, não se conhece qualquer evolução no Memorial da Alagoa. Apesar do compromisso público na realização desta obra, pequena face ao seu significado histórico. Apesar da Resolução da ALRAA. E apesar do Governo já ter fixado a localização.

A PROECÇÃO DE UM PATRIMÓNIO

OS OUTROS JÁ PERCEBERAM



O atraso que viémos encontrar, não era de facto só de uns equipamentos esquecidos ou de qualquer pormenor de «história local», ainda não compulsado e pendurado. Era mais grave. Tinha a ver com a visão historiográfica. E com a dificuldade para enfrentar a história com os argumentos de uma cultura de horizontes.

Por isso, este projecto tem evoluído com contornos singulares. Em duas frentes. Por um lado, fazer as coisas evidentes, «fáceis», que estão aqui à mão. Que já deviam estar feitas. Tantas. Por isso, obrigavam a uma pesquisa urgente. Para saber onde estão as inércias.

Por outro lado, talvez o mais importante, a recriação da empatia do nosso lugar com os

outros no mundo. A grande questão não era apenas recuperar por aqui os sinais do passado. Por mais orgulho que despertem. Mas, mover-nos ao encontro do sentido que os outros (ainda) nos dão. Tentando recuperar o tempo perdido. Sabendo olhar à volta, principalmente para fora. Muito caminho foi percorrido. Aí estão tantos ensaios à espera de serem entendidos... cá dentro. Tantos colóquios e tantas pessoas que vieram estudar-nos. O acolhimento a John Ross com tantos resultados por onde está a projectar o nosso património. As diligências de José D. Silveira conseguindo parceiros internacionais com laços históricos connosco. A integração num grupo internacional de estudo do cabo submarino (A. Martins Naia).

O desenvolvimento da ideia de um projecto transnacional em direcção à Unesco. E os passos nacionais. Tantos, com os outros do nosso tempo. Tantos, com as entidades hoje implicadas no mesmo processo. E que têm apoiado as nossas acções. Enfim, agora, a projecção do Faial na exposição «O cabo submarino num mar de conectividades», a lembrar os Açores no centro da história do cabo submarino.

É cada vez mais evidente que os outros já (nos) perceberam. E também cada vez mais claro o sentimento de dúvida.

Afinal, não era desejável que se fizesse todo este trabalho?

É a altura de tirar consequências. Para que haja continuidade. Seja com quem for.

O CABO SUBMARINO NUM MAR DE CONECTIVIDADES



Tivémos o privilégio de participar na organização da exposição dos 150 anos da UIT, devido à aproximação à FPC e à ANACOM (patrocínio dos colóquios).

O convite formal para a presença do Faial na área do cabo telegráfico da exposição, referia a importância histórica da Horta, os resultados já



O Secretário Regional da Educação e Cultura, com a Presidente da ANACOM e o Presidente da PT, quando presidia à sessão do Dia Mundial das Telecomunicações, antes de inaugurar a exposição sobre o Cabo Submarino comemorativa dos 150 anos da UIT

obtidos no estudo e reabilitação do património e a mais valia da ligação ao museu de Porthcurno.

Aceite este desafio desejado, foi possível assegurar que a nossa contribuição contasse com a convergência de esforços dos membros do Grupo dos Amigos e com o trabalho de investigação e concepção dos conteúdos expositivos pelo Eng. John Ross, assim como da sua intervenção directa, vindo de Porthcurno a Lisboa, com o Curador da exposição, Eng. Morais de Oliveira.

Da Secretaria Regional da Educação e da Cultura recebeu-se provas de entendimento da importância desta iniciativa para a projecção do valor do património do cabo submarino e também de apoio logístico, especialmente a autorização para que o museu da Horta garantisse a expedição de algumas peças. Importante foi também a presença do Secretário Regional, Prof. Avelino de Menezes, na inauguração da exposição (FPC, 18/5/2015).

REPORTAGEM FOTOGRÁFICA

A sessão comemorativa do Dia Mundial das Telecomunicações e da Sociedade da Informação, na Fundação Portuguesa das Comunicações, assim como a inauguração da exposição «O cabo submarino num mar de conectividades» (18/5/2015) podem ser apreciadas no Site da Associação (www.aalhl.pt), na rubrica Projectos, através das fotos da Delfina Porto.

Fica ainda disponível a brochura distribuída, contendo a informação relativa à organização da exposição.

JOHN ROSS – O João Inglês (I)



Não é falta de respeito. Ele gosta de ser o João Inglês. Aliás, de ter sido.

Quando sentiu o carinho desta «alucinha». Que agora preserva no endereço electrónico. Foram tempos que lhe devem ter deixado bonitas marcas afectivas. Não só pela Horta cosmopolita. E, então, hospitaleira. Mas, também, pelos amigos que cá fez, num tempo fantástico. De uma vida profissional de cidadão do mundo. E cá encontrou a companheira da sua vida, a Noemita Coelho. Moraram no bairro da Eastern, no terceiro bungalow à esquerda. Ele resumiu bem essas marcas, sabendo que lhes chamamos «saudades», no depoimento que apresentou em 2013 (pode ser recordado na obra «Foi há 120 anos», edição da AALH).

Quando saiu a primeira vez da sua terra para trabalhar na rede de companhias inglesas de telegrafia submarina, ainda precisou de autorização do pai para obter o passaporte na Embaixada do Brasil. O início desse périplo pelo mundo do cabo submarino que o levou pelos «Atlânticos» até ao médio e ao extremo oriente.

Claro, estamos a falar de JOHN ROSS, aquele de que já muito ouvimos, como membro do Grupo dos Amigos da Horta dos Cabos Submarinos, que tem vindo a salvar do longo abandono o valioso património tecnológico que há mais de 40 anos «jazia» em arrecadações (hoje sabemos que é mais valioso devido ao trabalho do John). Para preservá-lo da incúria,

promovemos as condições para que fosse classificado. Agora já tem futuro.

Em 2011 o John veio ao Faial. Já trabalhávamos há dois anos neste movimento de reabilitação, visando o museu do cabo submarino. Foi a uma reunião. Classificou-a. «Vocês pareciam que estavam no café!». Deu ideias. E opiniões «inglesas». Isto é, aplicáveis com ingleses. Aceitou ligar-nos com o museu de Porthcurno (onde participa no Grupo de eng. voluntários). E também aceitou ser nosso representante em Inglaterra (de papel na mão). Mas, antes disso, «entrou» para membro do nosso Grupo dos Amigos. Algo que colava com a cultura anglo-saxónica. Deixou um cronograma de promessas, com objectivos, fases e tarefas, de novo para ingleses!

Com a partida veio um grande interregno. Que foi resolvido com a entrada em cena do Tomás Saldanha. Aproximou o que era necessário ser entendido dos dois lados. Acompanhou a entrada do John na onda que vínhamos surfando. Primeiro, nesse decisivo colóquio de 2012. Em que tanta coisa aconteceu. Um tempo de viragem!

Da parte do John, a comunicação que apresentou no colóquio foi determinante. Impôs a pergunta... e agora? Pedimos um memorando. Fomos à Presidência do Governo. Havia razão para isso. Era preciso mudar o estado das coisas. A inépcia. Veio a ordem. Desta intervenção da AALH resultou que o Grupo dos Amigos iria tratar do processo de recuperação dos equi-

pamentos, através do John Ross. Ficará na história o relatório de Outubro de 2012. E assim aconteceu de novo em 2013 e 2014. Tem sido um trabalho «de base» na fundamentação e sistemático na evolução. Como é demonstrado em cada relatório. Um processo longo, duro e caro (sem qualquer encargo público). Mas o John trouxe e fez muito mais. O peso simbólico daquele telegrama do museu de Porthcurno a reatar antigas relações. A pesquisa de fontes únicas sobre a Horta. As análises historiográficas, compensando a paragem no tempo, desde o Pe. Júlio da Rosa.

É para nós uma obrigação registar este percurso. E persistir na forma como lhe vamos dar futuro. Ainda mais, depois do desafio da exposição que ajudámos a organizar e está patente em Lisboa. Em que, mais uma vez, o John se envolveu, parecendo mais faialense que os faialenses.

E não esquecemos que também nos honra como nosso Sócio Aderente, desde 2013, por altura dos 120 anos do 1.º cabo no Faial.

To be continued

UM VELHO PROJETO – O LICEU DE FORA

O ANTÓNIO DUARTE – de camisa por fora das calças



Tinha pêra e bigode, grisalhos como o seu cabelo. Vestia de forma a fazer esquecer os Drs. Benarús e Tomás da Rosa, sempre de fato e gravata estes, calças de ganga e camisa por fora das calças aquele. Passeava pelo pátio a fumar e nas espirais do fumo dos além-mar ficava a sua história como homem de teatro, a importância que tivera nessa arte no Liceu e no Faial. Dizia coisas diferentes. Não fora sócio da moagem nem recitava de cor a avé maria em chinês, mas era como um íman para os jovens do Liceu.

Passara pouco tempo desde o 25 de Abril. Não sabíamos o que era o TEUC. Soava-nos bem, cada uma das palavras. Teatro, Experimental e Universidade de Coimbra. Devia ser coisa importante. Começáramos a experimentar e logo no teatro, por isso, se ele experimentara em Coimbra, devia ser o máximo. O mesias por quem tínhamos rezado.

Pedimos-lhe para ir a um dos nossos ensaios. A Ângela Almeida escrevera uma peça, já estava em andamento há semanas, queríamos a aprovação do mestre. Aceitou, viu e ouviu em silêncio, com os braços agarrados aos espaldares do ginásio pequeno. E depois disse «isto é uma merda».

Mais mágoa menos ofensa, acabámos por aceitar o seu veredicto. Afinal, ele é que sabia. E nós não sabíamos nada. Rogámos pela sua ajuda. O António não apenas nos arranjou uma peça ideal para principiantes, como se ofereceu para ser o encenador. A partir desse dia, com certeza História, pois bem Geografia, mas as nossas cabeças estavam nos ensaios, dentro da sala de aula. Embora, posso dizê-lo, tenhamos ficado mais atentos às Ciências Naturais, sabendo que à noite entraríamos em palco.

Peça pronta, lá foi a estreia, no ginásio grande. A comunidade faialense, ávida por teatro, encheu o espaço. A aceitação foi boa. E daí nasceu a ideia de levar o espectáculo às freguesias. E depois ao Pico. A nossa primeira internacionalização. Falávamos de solidariedade, e chegámos a levar uma pedrada no vidro lateral da camioneta para os lados da Criação Velha. Agora orgulhosos. Além de actores e atrizes, éramos revolucionários.

Seguíamos o António para todo o lado. Falava de livros que não havia na biblioteca, nem na itinerante que o Sr. Rúben Rodrigues levava à volta da ilha. Sentava-se no banco do Largo do Infante em frente ao Volga e fazia-nos

ver coisas para além da montanha que reluzia cinco milhas perto. Depois, entrávamos todos no café, juntávamos duas mesas e ficávamos a conversar, fumando e bebendo cada um a sua bica. Uma tertúlia diária.

Nunca falar a menos de três quartos da boca de cena. O gesto antes da palavra. Respirações certas. Pausas onde o texto pedia. O Liceu saía das suas margens, enchia palcos, chamava gente. O que nascia dentro ia para fora. E o que estava fora ia para dentro. Como é próprio de uma Escola.

Uma noite o coração do António não aguentou mais nicotina nem aguardente. Sentiu-se mal em palco e já não voltou do hospital.

Não sei onde está enterrado. Não sei o que se pode ler na lápide da sua campa. Mas gostaria de voltar a vê-lo, numa fotografia guardada numa das paredes do Teatro Faialense. Mesmo que do coração não venham mais pancadas, sejam de Molière, sejam dos pés de quem subir as escadas para a galeria.

António Bulcão

CASA MANUEL DE ARRIAGA AINDA INACABADA

Passados 4 anos da inauguração, ainda não foi cumprido o compromisso, repetido na altura, sobre os jardins e a quinta urbana do antigo Solar dos Arriaga. Em resposta às sucessivas diligências vindas da Sociedade. E também da ALRAA. Recordar-se o expressivo movimento social que impediu a construção de um bairro no local. E lembram-se as ideias mostrando a moderação do que se pretende (boletim n.º 24, 2011). Sabemos que não há dinheiro. Então, que seja encontrada outra solução. **Por exemplo, a afectação da Quinta ao Parque Natural do Faial.** Rentabilizam-se recursos específicos. E garante-se outro empenho. Sem este elemento patrimonial a memória de Arriaga não estará suficientemente valorizada.

- 1 – O conceito de «Liceu de fora» foi usado pelo Professor A. Sampaio da Nóvoa na introdução da obra LICEU DA HORTA – MEMÓRIA INSTITUCIONAL (C. Lobão, 2004), ao sugerir um II Tomo que analisasse as circunstâncias de um Liceu insular, com estudantes de várias ilhas. Acrescentava o interesse de também serem pesquisadas situações de socialização juvenil, em práticas culturais, que preenchiam a vida do tempo do Liceu para lá da vida no Liceu.
- 2 – Este projecto tem evoluído, mercê dos depoimentos já recebidos, mas não atingiu ainda a solidez estrutural e a dimensão de recolhas que o tema merece.
- 3 – Prossegue-se, procurando colaborações em dois âmbitos:
 - Condicionantes da frequência do Liceu, devido às «insularidades» desse tempo.
 - Situações sócio-culturais e cívicas vividas no tempo do Liceu.
- 4 – Para que se consiga levar «a carta a Garcia», apela-se à manifestação de interesse na colaboração nesta obra da História do Tempo do Liceu. A título exemplificativo, dentro da liberdade de apresentação de cada trabalho, publica-se o texto de António Bulcão sobre a sua vivência da tertúlia que marcou algumas gerações de alunos do Liceu, com um Professor, António Duarte, exactamente em situações de «Liceu de fora».

ASSOCIAÇÕES DOS LICEUS HISTÓRICOS DOS AÇORES



Por iniciativa da Associação dos Antigos Alunos do Liceu de Ponta Delgada realizou-se um encontro na biblioteca da actual Escola Secundária Antero de Quental (24-25/10/2014) das Direcções das Ass. dos três Liceus históricos (Angra, Horta e Ponta Delgada).



O Secretário Regional da Educação e Cultura falando na abertura do Encontro

Depois de uma apresentação geral das respectivas linhas de orientação e projectos pelos três Presidentes, respectivamente, José Laranjeira, H. Melo Barreiros e José Andrade, realizaram-se duas sessões de debate, uma sobre «A importância, a actividade e a cooperação das AAA's», moderada por João Bosco Mota Amaral e, outra, sobre «O contributo dos alunos de ontem para a Escola de hoje», moderada por Carlos Lobão. Os textos das intervenções dos representantes da Ass. do Liceu da Horta nestas

sessões, respectivamente, Valdemar Porto e Delfina Porto, podem ser consultados no Site da Associação (www.aaalh.pt) em eventos.



Valdemar Porto na apresentação da sua comunicação em S. Miguel

O Encontro foi patrocinado pelo Governo Regional dos Açores, tendo o Secretário da Educação e Cultura, Prof. Avelino de Menezes, presidido à sessão de abertura onde proferiu uma intervenção sobre a História do Ensino nos Açores.

Deste Encontro resultou uma declaração conjunta, que poderá também ser consultada no Site da Associação.



2.º Painel: Delfina Porto, C. Lobão, Irene Ataíde, Berta Melo Bento

DESTAQUE

MARIA ZORAIDA BETTENCOURT STATMILLER SALDANHA DE MATOS DO NASCIMENTO, Sócia Honorária da nossa Associação, foi galardoada pela Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, com a **INSÍGNIA AUTONÓMICA DE MÉRITO CÍVICO**, por ocasião do **DIA DA REGIÃO**, atribuída em Sessão Solene Comemorativa realizada na Ilha das Flores, em 25 de Maio de 2015.



Ana Luísa Luís, Presidente da ALRAA, cumprimenta Maria Zoraida do Nascimento no momento em que lhe é imposta a insígnia de Mérito Cívico (Santa Cruz das Flores)

TEMPOS E LUGARES DE REENCONTRO

Faial, 22/8/2014

MEMÓRIAS DAQUELE TEMPO!



Foi o 6.º convívio dos que vêm acompanhando os colóquios sobre a recuperação das memórias do tempo dos cabos submarinos. Reuniram-se antigos cabografistas, a diáspora em férias e muitos outros Amigos do Tempo dos Cabos. Sentiu-se na organização o «toque do requinte do passado» na organização de Judite Salema, Manuela Neves, Noemita Ross e Hildegard Grötzner.



Convívio anual do cabo submarino no Hotel Fayal, antiga messe da Western Union. À esq. Eng. Paim da ANACOM, à dir. Prof. Augusto Mateus

EUA, 11/10/2014

ANTIGOS ALUNOS EM LONG ISLAND



Vinte seis anos a cultivar a memória do Liceu, desta vez, de novo, na Costa Leste. Tudo se passou com a mesma dinâmica – todos os anos novo local e nova comissão. Este ano foi em Fall River/Long Island e a organização coube a Donalda Maciel do Amaral (Antiga Aluna, 1967). Durante este convívio foi homenageada a D. Ilda Frayão que leccionou no Liceu a partir de 1961 (Inglês, Francês, Português).

S. Miguel, 25/10/2014

«MATANDO» SAUDADES



Porque recordar é sempre bom e porque, graças a Deus, guardamos boas recordações desse tempo, foi possível encontrarmos-nos durante algumas horas, que nos pareceram minutos. Tudo passou tão depressa, como era possível, se ainda havia tanto para dizer!

Refiro o convívio realizado, na Ilha de S. Miguel, com antigos alunos do Liceu da Horta, Colégio de Santo António, e Externatos. A iniciativa partiu da AAALH. Aceitámos a ideia com muito gosto. Iniciou-se o convívio com uma sessão evocativa do tempo do Liceu. Henrique Barreiros abordou o sentido da AAALH, «Memórias e Patrimónios a preservar», Ricardo Madruga da Costa, «A insularidade nas memórias dos antigos alunos», Carlos Lobão, «Factos marcantes na História do Liceu da Horta» e Delfina Porto, um tema, muito caro a grande parte dos presentes, «Memórias da Escola do Magistério Primário da Horta». Seguiu-se o jantar. Importa realçar o convívio entre todos, recordando tantas e tantas coisas. Foram lidas mensagens de colegas na Califórnia, no Continente e de alguns residentes em S. Miguel que não puderam participar. Estas mensagens comoveram os presentes pela saudade com que recordavam tudo, a realidade e a dificuldade desses tempos. De passagem em S. Miguel estiveram também: Francisca Freitas, Fátima Bettencourt, Luíza Bulcão e Rui Amaral.

Gostaria ainda de deixar um testemunho da minha participação num encontro de AALH, no Canadá. A surpresa foi grande quando vi surgir um coro, regido pelo nosso conterrâneo e colega Luís Gomes a interpretar alguns números do reportório do nosso antigo orfeão, regido pelo saudoso Professor João Ramos. Talvez até fosse uma ideia interessante a copiar, quem sabe?

Seguidamente foi o adeus com o propósito de novo encontro e a vontade de continuarmos unidos.

Maria Emilia Santos



M. Emília Santos lendo as mensagens no convívio em S. Miguel

Faial, 13/12/2014

NATAL NA UNISÉNIOR



A festa dos «universitários séniores» no Barão Palace, como habitualmente, com muito convívio e animação



Lisboa, 5/2/2015

RECORDANDO AMIZADES...



Mais uma vez, realizou-se o convívio dos «Amigos», na época própria desta evocação, reunindo antigos colegas de várias ilhas, em particular, do Faial, do Pico e de S. Jorge. Aconteceu no Restaurante «Jardim da Luz». Como habitualmente, por iniciativa e com organização de Conceição Macedo.

Lisboa, 15/5/2015

18.º ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO



Foi na Casa dos Açores, local do «nascimento». Na mesa da sessão estavam Miguel Loureiro Pres. da CAL, João Laranjeira (Liceu de Angra), Eduíno de Jesus (Liceu de Ponta Delgada) e Aurélio Machado (Pres. Ass. Geral da AAALH). Dos conferencistas convidados, JOÃO MELO trouxe uma excelente análise sobre o Parque Natural do Faial, ligando o legado da Natureza com o presente, de investimento na fruição controlada. PAULO MADRUGA apresentou um quadro de ideias para uma nova visão da relação Património-Desenvolvimento. No convívio circularam memórias expressivas, em especial, dos que também lá tinham estado ...há 18 anos!



Paulo Madruga e João Melo durante as respectivas intervenções na Casa dos Açores

Faial, 12/6/2015

A DESPEDIDA DE TODOS OS ANOS



Convívio de encerramento do ano académico da UniSénior. Repetem-se os sentimentos de alegria pelo percurso conseguido e de esperança porque, afinal, ...para o ano há mais!

Ao aperitivo houve Tuna, à sobremesa cantares e chamarrita e o café despertou mais dança.



O Conselho de Gestão convivendo na despedida do ano académico

Oeiras, 20/6/2015

CONVÍVIO A ABRIR O VERÃO



Pela 5.ª vez voltámos a conviver nesse «cantinho do Faial» em Oeiras, disfrutando da hospitalidade do Peter/Café Sport. Com boas «imitações» das nossas memórias – o mar, a marina, o gin tónico, as lapas (patrocínio do antigo aluno, José Henrique Azevedo), mesmo o atum e, então, o bolo de chocolate! De novo, Yolanda Corsépius trouxe peças do seu património. Os contemplados no sorteio foram António Ferreira e Norberto Rosa. A organização – Delfina Porto, Eduardina Rocha e José Maria Duarte – melhora a cada ano que passa.



Convívio em ambiente agradável no «Peter», em Oeiras

ASSOC. DOS ANTIGOS ALUNOS DO LICEU DA HORTA
pode encontrar-nos em
www.aalhh.pt / aalliceudahorta@gmail.com